

Homenagens

Apresentamos a seguir as homenagens na seqüência em que foram prestadas e com as respectivas introduções feitas pelo reitor da EST, P. Dr. Nelson Kilpp, bem como as palavras proferidas por algumas das pessoas homenageadas ou seus representantes.

[Durante o Simpósio, dia 27/3/96, às 9:30 h:]

Queremos interromper esta importante discussão teológica para intercalar algumas modestas homenagens a pessoas e grupos que prestaram relevantes serviços à Faculdade de Teologia. Reconhecemos que tudo o que temos e somos, recebemos no passado e no presente de comunidades, pessoas e instituições identificadas com o nosso trabalho. As pequenas homenagens de hoje de manhã e de hoje à tarde querem ser expressão deste reconhecimento.

Queremos lembrar, em primeiro lugar, os que se empenharam na construção dos dois prédios da Faculdade de Teologia, em especial a *Comissão de Finanças*, constituída em 1957 e formada pelos Srs. Vítor Schmidt, Erwino Weinmann e P. Wilhelm Hilbk, de São Leopoldo, e P. Augusto E. Kunert, de Taquara. Este grupo foi encarregado de arrecadar os recursos necessários para a construção do prédio principal da Faculdade de Teologia. Para tanto visitou as comunidades e motivou, em especial, os homens evangélicos a assumir a causa da Faculdade. Nasceu aí a *“Legião dos Construtores da Escola de Teologia”*. A campanha teve muito boa aceitação nas comunidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, onde foram realizadas assembléias e constituídos grupos incumbidos da tarefa de juntar os recursos.

Representando a Comissão de Finanças, convido o P. Augusto E. Kunert e a Sra. Marlene Weinmann Krug, filha do falecido Erwino Weinmann, e, além deles, representando os diversos grupos de “legionários” da construção, convido também o Sr. Ernesto Keller Filho, para receber o nosso preito.

A partir dessa campanha de arrecadação de fundos e a partir da Legião de Construtores nasceu a *Legião Evangélica* da IECLB (*“Männerwerk”*), que, em muitos momentos, tem ajudado a Faculdade de Teologia. Nos últimos anos a Legião Evangélica tem sido responsável pela administração do Fundo Rotativo de

Financiamento de Pensão, que tem permitido a estudantes carentes a manutenção durante o seu estudo. Convidamos o presidente da Legião Evangélica, Prof. Hilgert Rutzen, para receber o nosso sinal de reconhecimento.

A Faculdade de Teologia vive da oração, do estímulo, da ajuda e das doações de um incontável número de pessoas que, na maioria das vezes, permanecem no anonimato. Queremos agradecer a todas essas pessoas que contribuem com seus dons e seus recursos para a formação teológica na IECLB. Para representar este grupo de pessoas convidamos alguém que tem merecido o respeito de toda a Igreja, o *P. Ernesto Fischer*. O P. Fischer, há muitos anos, vem contribuindo fielmente a cada mês com uma significativa doação à Faculdade de Teologia. Isto é para nós um inconfundível sinal de confiança em nosso trabalho e um estímulo a que nos dediquemos cada vez mais à formação teológica.

[Durante o Encontro de Ex-Alunos/as, dia 27/3/96, às 13:30 h:]

Também no início deste 1º Encontro de Ex-Alunos/as da Faculdade de Teologia, gostaríamos de lembrar, como alunos/as, ex-alunos/as e instituição, algumas pessoas e grupos a quem muito devemos.

Queremos lembrar, em primeiro lugar, um grupo de pessoas que sempre esteve junto conosco, mas que pouco aparece. Um grupo que trabalhou e trabalha com afinco e seriedade, mas geralmente não está na berlinda e não recebe os louros da glória. Estou falando dos *funcionários e funcionárias* da Escola Superior de Teologia, que garantem, como que por milagre, a infra-estrutura e o funcionamento diário da instituição. Queremos, como estudantes, ex-alunos/as e professores/as, expressar a nossa gratidão ao corpo de funcionários desta casa. Chamamos para representá-los o funcionário mais antigo da EST, *Cáudio Soares (Pelé)*.

Queremos convidar agora a *Sra. Arminda Schütz*. A Sra. Arminda pode não ser conhecida de todos, mas ela fez e ainda faz parte da nossa vida. Desde 1966 a Sra. Arminda faz os talares para os estudantes de Teologia. Como ela mesma diz: começou a costurar os talares por necessidade, e hoje os faz por gratidão. Até hoje, a Sra. Arminda já confeccionou 1.505 talares para estudantes de Teologia das duas faculdades luteranas. A ela cabe o nosso sincero agradecimento por esta sua dedicação.

Devemos lembrar-nos de nossos mestres. Muitos professores circularam pelas salas de aula da Faculdade de Teologia nestes 50 anos. Não há condições de enumerá-los. Todos esses mestres tentaram, cada qual à sua maneira, mostrar-nos

o rosto daquele único mestre, Jesus Cristo. Queremos reconhecer a dívida que contraímos junto a nossos professores convidando um de seus mais conhecidos representantes, o P. Bertoldo Weber. O P. Weber fez parte do primeiro corpo docente da Escola de Teologia. Durante 30 anos ele lecionou Novo Testamento, Filosofia, Grego e Realidade Brasileira. Por todo este seu empenho, estamos muito gratos.

Passamos agora a palavra ao P. **Bertholdo Weber**:

Sensibilizado pela escolha da minha pessoa para representar os/as ex-professores/as da Faculdade de Teologia, na comemoração do cinquentenário de sua fundação, quero, antes de mais nada, agradecer e estender esta homenagem a todos e todas as colegas que no passado lecionaram nesta casa e, em seu nome, expressar à aniversariante, pelo seu jubileu, nossos cordiais parabéns e votos de bênção.

É natural que, nesta hora, os pensamentos estejam voltados para os primórdios desta caminhada, quando, há 50 anos, foi inaugurada pelo presidente D. Hermann Dohms, na presença de professores, estudantes e do pastor Witzel, a Escola de Teologia com as palavras: “(...) nosso nome, nosso espaço, nossos meios e recursos científicos são modestos, mas a tarefa que nos foi confiada por Deus é grande e santa.”

Realmente foi um início modesto. Faltavam o espaço e os recursos mais elementares para o estudo, e a literatura teológica da pequena biblioteca era insuficiente e em parte antiquada. (Tive que pedir emprestado o dicionário do NT, o “Kittel”, de um professor católico do Colégio Cristo Rei). Até a chegada dos pastores Hans H. Friedrich e Heinrich Tappenbeck da Alemanha, em 1955, todos os professores trabalharam em regime de tempo parcial. Integraram a primeira equipe o diretor Dohms e os professores Fausel, Fülling, Hahn, Höhn, Maschler, Schlieper e eu, o último sobrevivente.

Durante os 30 anos de minhas atividades letivas nesta casa, acompanhei o processo de transição do período inicial, com predominância de uma teologia eurocêntrica transmitida em língua alemã, seguido por uma crescente contextualização através da tradução de idéias e textos para o vernáculo, até uma paulatina assimilação do fazer teologia à nossa realidade brasileira.

Neste contexto merecem um reconhecimento especial professores estrangeiros que, além de vencerem com certa facilidade as barreiras lingüísticas, se ambientaram ao nosso meio a ponto de se identificarem, em suas áreas específicas, com os problemas e desafios da situação do nosso povo, contribuindo para a formação de um pastorado autóctone, comprometido com a realidade latino-americana.

No decorrer do tempo aumentou o número de jovens professores brasileiros, provenientes de nossas comunidades, formados nesta casa e em cursos de pós-

graduação no exterior, que foram chamados do ministério pastoral para assumir a cadeira de sua especialidade na Faculdade de Teologia.

Com o abraqueiramento do corpo docente e também devido à pressão por parte de estudantes, aceleraram-se as mudanças de estilo de vida e de reflexão teológica, passando-se da metodologia do ensino acadêmico-clássico de preleções para um modelo original de participação ativa e democrática de estudantes; enfim, passou-se à implantação da reforma do estudo de Teologia em nossa terra e a serviço de nossas comunidades.

Além dessa atividade na formação de pastores, é notável o trabalho dos/as colegas dedicado à pesquisa científica sobre temas e problemas de suas áreas e, por seu alto nível, publicado em *Estudos Teológicos* e em outros livros, em função da atualização do evangelho e da missão da Igreja no mundo de hoje.

Foram professores da Faculdade de Teologia que, através da Comissão Teológica, se manifestaram criticamente sobre arbitrariedades do regime autoritário, elaborando o Manifesto de Curitiba e o posicionamento do corpo docente intitulado *O Evangelho e Nós*.

Foram também professores desta casa os pioneiros do diálogo ecumênico sul-brasileiro e das relações com outras instituições teológicas e ecumênicas no país e no exterior.

O próprio corpo docente não formava um bloco homogêneo, mas as diversidades se tornaram um enriquecimento da comunhão participativa e da convivência fraterna, fundamentada na causa do evangelho de Jesus Cristo e sua Igreja a que, juntos, serviram.

Em retrospecto, olhamos um momento para trás, mas não podemos andar de costas; a caminhada segue em frente.

Agradecemos a Deus pelo que foi feito até aqui, reconhecendo o trabalho realizado nesta casa e o grande desafio que os próximos 50 anos representam para todos e todas nós.

[A homenagem seguinte foi introduzida pelo reitor com estas palavras:]

Queremos lembrar-nos de um segundo mestre. Um mestre que, além de lecionar e ensinar, também foi escolhido para a árdua e muitas vezes ingrata tarefa de administrar e dirigir a Faculdade de Teologia. O P. Dr. Lindolfo Weingärtner foi reitor da Faculdade de Teologia de 1966 a 1969, o 4º diretor de uma lista de 16 até o dia de hoje. Queremos reconhecer o trabalho abnegado do P. Weingärtner como reitor e professor de Teologia Prática nesta casa de 1961 a 1972. A sua dedicação a esta Escola tem servido de inspiração a muitos pastores, mestres e reitores.

Passamos agora a palavra ao P. Dr. **Lindolfo Weingärtner**:

O professor Nelson Kirst, ontem à noite, em sua análise lúcida disse que para sobreviver é preciso contar histórias. É verdade. Mas para podermos contar as histórias é preciso, antes, que elas aconteçam — e é aí, no acontecer, no próprio processo do surgimento da matéria-prima para a história contada, é aí que precisamos constantemente buscar a inspiração para nosso contar e, eventualmente, nosso recontar.

Eu gostaria de dar apenas algumas pinceladas rápidas, um mero complemento do que já foi abordado ontem e hoje, na perspectiva de alguém que participou da “história acontecida” da Faculdade de Teologia na primeira metade do meio século de sua existência.

Ninguém pode contar a “história acontecida” da Faculdade sem mencionar o nome de Dohms. Ele, o primeiro reitor da Escola de Teologia, já tantas vezes citado nestes dias, foi uma personalidade muito forte, um homem de fala mansa, mas dotado de uma vontade de ferro. Ele certamente teve uma visão toda sua do caminho futuro da Faculdade, uma visão condicionada por sua própria história e seu próprio estudo. Quando formulou as diretrizes da Escola de Teologia, certamente não imaginou que algum dia elas deversem e pudessem ser mudadas.

Mas a história que acontece é um rio que não pode ser represado e feito parar. Assim, mal haviam passado dez anos após a morte de Dohms, e já foi preciso mudar. Se não foram diretrizes e alvos que precisavam ser alterados, foram estratégias e procedimentos. Alguns exemplos: tomou-se a decisão importante de admitir na Faculdade formandos de outros colégios do país, não só do Instituto Pré-Teológico (IPT). Foram admitidas as primeiras moças. Foi tomada a decisão de, aos poucos, substituir-se o ensino teológico em alemão pelo vernáculo.

Se não houvessem sido tomadas essas decisões, as histórias a serem contadas hoje seriam outras. Assim, é bom que os que participaram dos próprios eventos ouçam e complementem o que se conta hoje, em benefício mútuo: os que já “viveram história” se entenderão melhor à luz daquilo que sobrou de suas decisões e suas ações nas mentes e nas vidas da nova geração — e a geração que gera história hoje talvez se entenda melhor a si mesma ao sondar em profundidade a história da geração passada.

Sabemos que a história da Faculdade não se desenrolou sem turbulências. A “realidade brasileira”, antes mantida a uma confortável distância, entrou na Faculdade, tempestuosa, e, em certas épocas, no entender da primeira geração, parecia trazer consigo a ameaça de deslocar o centro de gravidade da nossa antiga Escola de Teologia. Questões sociais e políticas, ideologias da esquerda ou da direita nos pareciam ameaçar a linha teológica original. A mim me parecia que o

“acima” e o “abaixo” (a velha semântica mítica que, bem no fundo, ainda hoje compreendemos muito bem) ameaçava ser substituída por “esquerda” e “direita”, o “para trás” e “para a frente” de nossa dimensão horizontal humana. Assim confesso que o meu próprio diálogo com a Faculdade se reduziu a um tênue filete.

Que entendam o que digo como uma confissão de culpa. A transição de uma geração para outra é por demais importante para ficar à mercê de correntes de opinião teológica. Ela é coisa santa, assim como é santa a continuidade da própria fé. Assim, os que hoje amassam “as três medidas de farinha” na gamela de Jesus Cristo precisam dialogar com aqueles que tiveram a mão na massa ontem — e vice-versa. O fermento de Cristo é o mesmo. Fermento e massa serão assunto de conversa. O modo de amassar não precisa ser objeto de controvérsia.

Como imaginar o diálogo com a geração dos que já faleceram, com Dohms, com Schlieper e com toda a geração de mestres já desaparecidos? O que muito me alegrou foi o fato de não só ter sido citado o nome de Dohms, mas de também ter sido lembrado o que ele disse. Certamente Dohms, se pudesse estar presente hoje, iria brigar por algumas colocações. Brigaria pela “língua de Lutero”, talvez apontando o abandono muito rápido do antigo aprendizado teológico moldado na tradição e na terminologia germânicas, e também lembrando da necessidade de se equipar os futuros pastores com os instrumentos de que necessitam no seu campo de trabalho específico — nem que fosse só para poderem dizer a uma mãezinha idosa e sofrida: “*Mütterchen, Gott hat dich lieb*”. Ele diria, alto e bom som, que os “nossos” membros, com sua tradição específica, também fazem parte da realidade brasileira.

Para ser breve: vamos falar uns com os outros. Vamos falar com os primeiros, e levar a sério as suas colocações. Vamos nós, a segunda geração, falar com os que atuam hoje na Faculdade, e eles, que falem conosco, da forma mais múltipla possível.

De minha parte, não só me quero comprometer a procurar esse diálogo, mas também a interceder pela Faculdade, por docentes e estudantes.

Que Deus, nosso Senhor, aquele que colocou a baliza mestra, a cruz de seu Filho Jesus Cristo, a baliza pela qual todos nos deveremos orientar, queira abençoar todo ensino e aprendizado autêntico e honesto praticado nesta Faculdade que todos amamos.

[A cerimônia de descerramento da *efígie e placa comemorativa do P. Hermann Dohms* na Biblioteca foi aberta pelo reitor da EST com as seguintes palavras:]

Em nome da Escola Superior de Teologia dou as boas-vindas para este breve mas solene momento de homenagem póstuma ao fundador da Escola de Teologia,

Hermann Dohms. Antes de proceder ao descerramento, convidou o P. Rolf Droste para, em nome da família Dohms, dirigir-nos a palavra.

Reunimo-nos para descerrar, por ocasião do cinquentenário da Faculdade de Teologia, uma placa comemorativa e um bronze da máscara mortuária do fundador da Faculdade de Teologia da IECLB, Pastor D. Hermann Gottlieb Dohms. Moveu-nos, nesta decisão, o que lemos em Hebreus 13.7: “Lembrai-vos dos vossos guias espirituais, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram.”

Hermann Dohms faleceu no dia 4 de dezembro de 1956, às 17:40 horas. À meia-noite daquele dia, o Prof. Kurt Günther Schmeling e o Dr. Erich Fausel moldaram, em gesso, a máscara mortuária. Maria Dohms, a esposa, mandou fundi-la no ano seguinte na Alemanha, para fazer a entrega em momento oportuno à Faculdade de Teologia. Ela faleceu antes de concretizar esta intenção. O bronze, que ficou em mãos da filha, no entanto, chega ao seu destino hoje, nesta significativa hora comemorativa do cinquentenário da Faculdade de Teologia.

Quem era Hermann G. Dohms?

Ele nasceu em 3 de novembro de 1887, em Sapiranga (RS), como filho do pastor Paul Dohms, o qual assumiu a Paróquia Evangélica local em 1885, 11 anos depois do trágico desfecho do conturbado episódio social e religioso dos Muckers, próximo ao Ferrabrás. Em 1897, foi levado pelo pai a Rio Grande, onde foi entregue ao capitão do vapor transatlântico “Maceió” para viajar à Alemanha e lá cursar o segundo grau e, posteriormente, Teologia. Dohms retornou no início de 1914, casado com Maria Steinsiek, filha de missionários em Sumatra, Indonésia. Ele foi o quarto pastor brasileiro do então Sínodo Rio-Grandense.

Dohms retornou ao Brasil carregado de idéias e ideais para a vida das comunidades, para a formação de membros, professores e pastores, para a comunhão entre as comunidades, para a coesão do Sínodo e da Igreja Evangélica no Brasil. Antes dele, outros já haviam se manifestado, por exemplo, sobre a necessidade de os “futuros religiosos” serem “nacionais”, referindo-se aos pastores do Sínodo. Mas Dohms certamente foi o grande empreendedor e realizador de ações decisivas para a organização e vida eclesiástica do então Sínodo Rio-Grandense e da hoje IECLB.

A introdução da contribuição financeira das comunidades para serviços comuns do Sínodo, em 1916, aconteceu com a sua decidida participação. A sua Comunidade de Cachoeira do Sul, por ele assumida em 1914, deu o exemplo na prática.

As “Folhas Teuto-Evangélicas”, editadas de 1919 até 1939, serviram, num tempo de isolamento eclesiástico, para definir concepções sobre Igreja, povo e Estado. Dohms convidou os presidentes dos outros sínodos para cooperarem nas

edições dessas “Folhas”. Assim, elas se tornaram um canal de comunicação e articulação da causa comum, mais tarde materializada na constituição da Federação Sinodal.

Em 1º de julho de 1921, Dohms deu início ao Instituto Pré-Teológico na sua Comunidade de Cachoeira do Sul (RS), escola de formação humanística em nível de segundo grau, para evitar que crianças tivessem que seguir o caminho distante que ele mesmo teve que percorrer para preparar-se para o estudo de Teologia no exterior.

Envolvido profundamente com a vida e organização da Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul, Dohms foi eleito presidente do Sínodo Rio-Grandense em 1935, cargo que ocupou até a sua morte em 1956. Já em 1923 participara decisivamente da reformulação estrutural do Sínodo. Em 1927, transferiu-se com o pré-seminário de Cachoeira do Sul a São Leopoldo, para o casarão à margem esquerda do Rio dos Sinos, junto à Praça do Imigrante. Em 1931, a Escola foi para o seu prédio definitivo no Morro do Espelho, então recém inaugurado, e que hoje abriga o Centro Diretivo da EST.

Em meio à Segunda Guerra Mundial, a partir de 1940, Dohms realizou, em sua casa, cursos teológicos introdutórios, precursores da Escola de Teologia, que, como sabemos, teve um começo modestíssimo. Hoje, com a graça de Deus, a Escola apresenta-se festiva, já com uma estrutura bem crescida de formação e serviço.

Também a criação do Colégio Sinodal, em 1936, no cinquentenário do Sínodo Rio-Grandense, e da Federação Sinodal, em 1949, são frutos incontestes da iniciativa de Hermann Dohms.

Preparar pessoas para o serviço na Igreja, em meio à realidade em que ela vive, este foi o seu propósito maior. Nisto também reside o legado para esta casa e para a nossa Igreja hoje. Sua preocupação era uma Igreja dinâmica e atuante. “Uma Igreja descansante”, disse Dohms, “é uma contradição em si mesma”. “Comunidade existe ali onde amamos o próximo, não os eleitos, (existe ali) onde construímos Igreja não em pensamentos, mas dentro da realidade da vida”, são palavras por ele proferidas em 1932, três anos antes de ser eleito presidente do Sínodo.

Dohms, segundo escreveu o Dr. Fausel, seu biógrafo, também poderia ter sido jurista, matemático, pesquisador teológico, administrador financeiro, político; no entanto, foi pastor e professor. Se por um lado sua característica mais forte era definir com absoluta clareza os objetivos, traçar com nitidez os caminhos e executar a obra com total abnegação, por outro lado soube dizer com a devida humildade: “Tudo está nas mãos de Deus, e nós somos os seus instrumentos” (palavras proferidas poucos dias antes da sua morte, por ocasião do encerramento do ano letivo da Faculdade de Teologia em 1956).

Nesta consciência, Hermann Dohms viveu e serviu. Seu rosto sereno, reproduzido no bronze que vamos descerrar, transmite algo da paz que sentem aqueles que reconhecem: a obra é do Senhor!